

1. DOMÍNIO SOBRE O TEMPO.

O Xavante divide o dia:

- De manhã, mesmo de madrugada, antes de clarear o dia, o homem vai à roça, ou à caça. O homem leva seus filhos que não estão casados. Também os que são "wapté" (jovens não iniciados à vida adulta) e que estão sob os cuidados dos padrinhos, vão com o pai.

Também a mulher sai, acompanhada de suas filhas, solteiras e casadas, para colher frutos no mato, ou para fazer os trabalhos considerados leves na roça.

- Quando o sol chega perto do meio-dia, suspendem os trabalhos, carregam os cestos com tudo quanto precisa levar para voltar para a aldeia.

Tendo chegado aí, vão ao rio para tomar banho, em seguida comem e segue o merecido descanso.

- Ao entardecer é a hora social. Uns brincam com seus companheiros, outros assistem à maneira de torcida.
- Ao escurecer, após um banho, as mulheres se recolhem perto ou dentro da casa, os "wapté" procedem ao canto pela aldeia acompanhados por um padrinho e os homens adultos ("ĩ-prédu") se reúnem no centro da aldeia ("warã") para debaterem assuntos da vida da comunidade e trocarem notícias.

O "horário" na vida cultural:

- Os pais reúnem seus filhos menores para a competição do "oi'o" (luta contra os colegas do outro clã) de madrugada, ao nascer do sol.

Igualmente ao nascer do sol começa o "wa'i" (luta dos padrinhos com seus afilhados).

- A celebração do "wai'a" (celebração ritual) começa com a reunião de todos os iniciados no lugar separado, de madrugada. À tarde, pouco antes de escurecer, todos já preparados se dirigem em forma procissional para o centro da aldeia para iniciar o canto do "wai'a" que perpassa toda a noite. Este cerimonial é encerrado de madrugada, ao nascer do sol.

- Na celebração da iniciação ao "wai'a" há um rigoroso horário para todas as cerimônias, como por exemplo:

a conclusão do ritual diário, de acordo com o sol, pelas 2.30 h da tarde, como raras exceções;

a "morte" dos jovens iniciados, exatamente quando o sol está (eles mostram com a mão o posição do sol ao meio-dia).

- Igual rigor de "horário" podemos constatar em todas as demais celebrações da comunidade, como por exemplo na "festa da onça", em que todos os ritos tem sua hora certa de serem celebrados.

Como o xavante indica a hora:

- Se perguntarmos ao xavante quando ele realiza esta ou aquela ação, ele dirá: ao cantar do galo ..., ao nascer do sol ..., ao meio-dia ..., ao pôr do sol ..., à meia-noite.

- Se durante o dia lhe perguntarmos a que hora ... (ele levantará a mão para indicar a posição do sol quando determinado acontecimento se realizar).

A inserção do missionário:

O missionário, hoje, se insere com suas atividades promocionais no contexto do "horário" xavante, como:

- A escola começa à 1.00 h da tarde, onde o horário de verão não vigora, mas o do sol; pois a presença dos filhos junto aos pais nos trabalhos é fator educacional insubstituível.
- Com isso, a participação dos alunos na hora social da comunidade não sofre prejuízo, pois nesta hora a escola já terminou.
- As celebrações culturais e rituais são parte integrante da educação escolar e gozam de preferência em caso de impasse, pelo que modificam o horário escolar.
- A missa é celebrada ao escurecer, variando o horário, como desfecho da hora social do dia. O horário da missa dominical depende da programação das celebrações culturais eventuais, partindo a proposta do horário sempre dos velhos.
- O atendimento ambulatorial tem que realizar-se durante as vinte e quatro horas do dia, não só por motivo de força maior, mas sobre tudo por motivos sociais e culturais.

2. MUDANÇA DE NOME.

Realmente, o xavante troca o nome diversas vezes durante a sua vida, por diversos motivos, e que pode ter os mais variados sentidos, por motivo de celebrações, acontecimentos etc. Mas este nome expressa o ser da pessoa que é reservado, que pertence à faixa do segredo da pessoa. O homem sabe seu nome, mas não o usa; os outros raras vezes o conhecem. O homem é chamado e se relaciona de acordo com a dependência de parentesco, de casamento, de clã, de grupo etário etc. Para a mulher, que não tem nome, existe uma festa pouco frequente, para lhe dar um nome, o qual será tratado como entre os homens.

O xavante adotou o nome "civilizado" para se identificar junto aos "civilizados" e para não apresentar seu nome verdadeiro que é segredo. Todos os xavantes hoje tem seu nome "civilizado" independente do eventual batismo e também a este o trocam quando lhes convém, mas continuam rejeitar de serem chamados pelo nome indígena caso alguém o conheça; semtem-se incomodados.

3. USO DA ROUPA.

O xavante usa a nossa roupa porque lhe é útil no trabalho, para se proteger contra os mosquitos, para se defender dos galhos quando corre atrás de um animal de caça, para se defender contra o frio....

Por motivo de calor, de banho e tantos outros não hesita em tirar sua roupa, se não precisa dela.

A calção vermelho ou preto, conforme a festividade e a pintura corporal, entrou na cultura, substituindo o estojo peniano. O xavante não andava nu, como dizem.

Para as festas culturais, hoje em dia, a pintura corporal tradicional é indispensável, como também os respectivos adornos..

4. RELACIONAMENTO SEXUAL PRE-MATRIMONIAL.

O relacionamento sexual obedece a rigorosas normas tribais, pelo que não existe liberdade em ampla escala.

Estando a sociedade dividida em duas partes (clãs), o relacionamento só pode ser realizado entre homem e mulher de clã oposto, sendo considerado falta grave contra a moral tribal se aproximar de mulher do próprio clã.

O aproximar-se de mulher que não seja a própria esposa, dá ao marido o direito à indenização por prejuízo causado, e seria divulgado caso não recebesse a indenização solicitada.

O compromisso de futuro matrimônio dos filhos é celebrado por duas famílias mesmo antes de se concretizar a escolha. Na medida em que os filhos vão nascendo começam os pais a prever os futuros parceiros, e os apresentam oficialmente à sociedade no fim da festa da "perfuração das orelhas", rito pelo qual o jovem é declarado adulto. Pode acontecer que sobretudo estando a noiva ainda pequena, se celebre o casamento tribal, sem porém os noivos com isso começarem a conviver. Isto não impede que o noivo peça esporadicamente ao sogro um encontro ocasional com sua noiva, assim chamada enquanto não tiver o primeiro filho.

Não se trata portanto de "relações sexuais pre-matrimoniais legítimas", mas sim de relações matrimoniais antes da convivência. Aliás, um dos motivos principais pelo qual tradicionalmente separam os jovens não iniciados à vida adulta da convivência com sua família e os põem sob a responsabilidade dos padrinhos fora da aldeia, é justamente de não se aproximarem de mulher antes de serem declarados adultos e antes de terem celebrado o casamento tribal; e se por acaso acontecesse tal durante o tempo de "wapté", haveria punição pública do culpado, de acordo com o sistema tribal original.

5. LIVRE ESCOLHA

Já falamos anteriormente de como se processa a escolha dos futuros nubentes. Há entretanto no contexto do compromisso celebrado entre duas famílias uma margem de livre escolha. Se no interior de cada família se quiser fazer troca entre os irmãos, isto é possível sem muita dificuldade. Mas se alguém pretendesse uma noiva de uma terceira família, isto requer árdua negociação para não comprometer eventuais casamentos já celebrados, para não pôr em risco outros que estão para vir, e para que, rompendo compromissos familiares, não se chegue a romper as relações de paz de uma parte ou até de toda a sociedade declarando guerra. O caminho aberto é de diálogo e negociação.

Havendo impasses deste tipo, não poucas vezes também o missionário é abordado. Mesmo que não se tenha posicionado no caso, a outra parte já se sentirá prejudicada, pelo simples fato de o missionário ter recebido o adversário, e acusa o missionário de interferência nos compromissos matrimoniais.

O missionário está consciente do perigo de interferir nestas questões. Por um lado, permitindo uma eventual livre escolha, à maneira dos brancos, seria celebrado um casamento sem o devido compromisso da sociedade, o que seria uma família sem nenhum apoio e sem nenhuma integração na sociedade; e, do outro lado, no caso de uma eventual crise entre os esposos, a separação seria eminente por não dispor do apoio conciliatório de ambas as famílias comprometidas, pelo contrário, estas acelerariam a separação. Para o missionário, a não interferência em assuntos matrimoniais é a garantia da estabilidade do matrimônio.

Além do mais, o missionário está consciente de que o exercício da liberdade pessoal só é possível dentro das estruturas culturais vigentes numa sociedade, e aplicando conceitos de liberdade estranhos a determinada sociedade, é tirar a liberdade devida à pessoa.

6. O INTERNATO

Quando os xavante chegaram em Sangradouro, em 1957, encontraram o internato para os jovens "civilizados", filhos da população envolvente. Certo dia, os xavante mandaram seus filhos em bloco também para o internato, pois reconheciam no sistema educacional dos padres um sistema parecido ao deles para a educação dos jovens. Assim eles o explicam. Em São Marcos, fundado um ano depois, se repetiu o mesmo sistema.

Hoje há uma volta às origens, por iniciativa dos missionários no que eles tiveram assumido o papel dos padrinhos tribais, volta esta não sem protestos dos próprios xavante. Mesmo assim, num caso de divergência, o jovem xavante obedeceria sem hesitar aos padrinhos, prejuízo de uma obediência aos missionários. Na convivência diária, há muitos fatos comprovantes disso.

Aliás, são exatamente os pais, os velhos, os que fazem questão de que seus filhos aprendam as coisas dos brancos para mais tarde levarem vantagem disso. Os missionários têm recusado pedidos e apoio para internar os filhos dos xavante nos centros urbanos. Com isso, os velhos levam seus filhos às escondidas para a cidade para realizarem os mesmos estudos que a missão lhes oferece. E nestes estudos está uma tentativa de inserir a escola no contexto cultural.

7. A ADMINISTRAÇÃO FAMILIAR

O conceito xavante de família diverge claramente do nosso. Basta dizer que não há a palavra "família".

Numa casa residem o homem com sua esposa, seus filhos e filhas solteiros, suas filhas casadas com os respectivos maridos, os netos. A mulher é a autoridade em casa e administra a economia familiar. Os homens não são os donos da casa, pois vieram de fora, "do outro lado". A casa pertence à mulher. O homem tem seu lugar no quarto nupcial; lá ele fica, lá ele recebe a comida da esposa. A mulher e as filhas casadas se movimentam livremente dentro de casa, não porém o homem. O jovem emancipado, mesmo que ainda resida na casa da mãe, tem que trabalhar, exclusivamente, para os futuros sogros.

O jovem não emancipado ("wapté"), que reside na "ho" (um tipo de internato tribal), recebe a comida da casa da mãe, e quem a leva para lá, são os irmãos menores, ou as irmãszinhas. Ninguém ousaria pedir esta comida.

O "wapté", ao ser abordado por qualquer homem sobre o resultado de sua caça, entrega tudo, de boa vontade, ao homem que pedir. Ele tem que aprender a entregar. Mas a comida que vier de casa, esta não se pede.

Desta maneira, o irmão mais velho, casado ou apenas compromissado, não "tem obrigação de alimentar os mais novos", mas, sim, obrigação de trabalhar com exclusividade para os sogros. São os pais apenas que sustentam os filhos.

8. O USO DO DINHEIRO

O xavante não trabalha de graça. Se o homem trabalha para o sogro, o pagamento é sua esposa. Caso não trabalhasse para o sogro, nem lhe entregasse o fruto do seu trabalho, a esposa obedeceria à sua mãe recusando a comida ao marido que humilhado teria que pedir comida à sua própria mãe, ou até recusando-se matrimonialmente, ou chegando até a se separar dele mandando-o embora. Se ele ajudar a outro homem, com licença do sogro, esse deverá caçar para lhe trazer carne e outra comida. Também o dinheiro que o homem hoje em dia ganhar, tem que entregá-lo a sua esposa que o administra, o que de início nem sempre se desenvolveu sem tensões.

O resultado do trabalho grupal dos "wapté" pertence ao grupo como tal enquanto não for repartido. Uma vez dividido em partes iguais entre seus membros, seja como tal, seja em dinheiro depois de comercializado, já não pertence ao "wapté", mas aos pais dele, aos quais ele o entrega sem a menor dúvida. Na comercialização, o missionário, algumas vezes tem servido de intermediário, por ser muito comum na região a exploração dos revendedores.

CONCLUSÃO

Concluindo podemos dizer que a pesquisa da antropóloga ficou incompleta, sobretudo do ponto de vista da cultura xavante. Vários dados não foram devidamente focalizados. Podemos elencar alguns pontos a seguir:

- Não foi devidamente consultada a etnografia "XAVANTE - POVO AUTÊNTICO, de Bartolomeu Giaccaria - Adalberto Heide, Editorial Dom Bosco, São Paulo 1972;
- Não foi pesquisada suficientemente a história do povo xavante neste últimos 30 anos;
- A pesquisadora se satisfiz com as primeiras explicações dos jovens xavante abordados, que não raro se anticiparam com respostas que ela queria, mas por vezes não procederam de fato;
- Ela se limitou, pelo que confirmam os xavante, muitas vezes, a simples observações, não dialogando com os protagonistas, para ter uma interpretação mais autêntica dos fatos;

- Há ainda a queixa dos xavante de ela ter invadido, ao fazer suas pesquisas, "espaço reservado" da cultura xavante, ao que estes, às vezes teriam reagido dando informações equívocas, em defesa própria;
- Faltou-lhe ainda um diálogo com os próprios missionários sobre os temas abordados, sendo que entre eles havia quem há mais de vinte anos trabalhava entre os xavante.

O autor do artigo "O LUGAR SOCIAL DO MISSIONÁRIO", Pedro A. Ribeiro de Oliveira, precisaria reformular, à luz deste esclarecimentos, o "estudo de casos : os salesianos entre os xavante" em vista de uma avaliação mais objetiva à luz da ciência.

Fevereiro de 1987

Missão Salesiana de Mato Grosso
Rua Pe. João Crippa, 1395
Cx.P. 415
79.001 Campo Grande MS
Fone: (067) 383-3761

Pe. Jorge Lachnitt
Cx.p. 128
79.001 Campo Grande MS

Pe. Bartolomeu Giaccaria
Cx.P.07
78.300 Barra do Garças MT

ESCLARECIMENTOS

Em agosto de 1986 chegou às mãos dos xavante um exemplar de "INCULTURAÇÃO E LIBERTAÇÃO", publicando uma "Semana de Estudos Teológicos" CNBB/CIMI, Ed. Paulinas, São Paulo 1986. O artigo 2, "O Lugar Social do Missionário", cujo autor é Pedro A. Ribeiro de Oliveira, comenta a ação dos missionários junto aos xavante de São Marcos.

Os xavante constataram que alguns elementos da cultura deles, descritos no artigo, não correspondem à realidade, e que a ação dos missionários, citada nesses mesmos pontos, não corresponde aos fatos descritos.

O autor do artigo se baseou em estudos e pesquisas de Cláudia Menezes, realizados em São Marcos.

Os xavante, após discussão dos temas abordados, exigiram uma retificação das imprecisões. Os missionários, após reflexão em reunião regional sobre os temas expostos, igualmente solicitaram estes "ESCLARECIMENTOS". Seguem anexos os esclarecimentos formulados por:

- Pe. Jorge Lachnitt, SDB, missionário presente em São Marcos de 1979 a 1986, tempo em que foram realizadas as pesquisas de Cláudia Menezes.
- Pe. Bartolomeu Giaccaria, SDB, missionário com trinta anos de presença entre os xavante, e autor de "XAVANTE - POVO AUTÊNTICO", Ed. Dom Bosco, São Paulo, 1972.